

# Dra. Wendy L. Widder, Daniel, Sessão 4, Daniel 1

© 2024 Wendy Widder e Ted Hildebrandt

Esta é a Dra. Wendy Widder em seu ensinamento sobre o livro de Daniel. Esta é a sessão 4, Daniel 1.

Estaremos olhando para Daniel 1 nesta palestra.

Em um minuto, quero ler o capítulo para você. O texto bíblico foi escrito principalmente para ser ouvido, para ser ouvido. Na época em que o público original teria isso, eles não teriam suas próprias cópias.

Provavelmente apenas escribas bem-educados teriam acesso a ele. Então, as pessoas ouviram. Eles memorizaram.

Eles ouviram isso repetidamente. Portanto, muitas das características de um texto foram feitas para serem ouvidas. Essa é uma das razões pelas quais gosto de ler o texto quando o ensino.

Mas antes de fazer isso, quero apenas dizer algumas coisas sobre a leitura de narrativas bíblicas, a leitura de histórias na Bíblia ou a história na Bíblia. Às vezes chegamos à Bíblia e pensamos nela como uma lista de eventos históricos que aconteceram. Está apenas nos contando a história de Israel.

Algumas pessoas chegam à Bíblia como se fosse um livro de ciências. Ela nos conta como Deus fez certas coisas. Algumas pessoas chegam a isso como se fosse apenas um monte de boas histórias.

Existem muitas maneiras diferentes pelas quais as pessoas chegam ao texto bíblico. Mas o que quero que entendamos ao começarmos isto é que uma história bíblica, independentemente de ser história ou não, independentemente da sua posição sobre isso, não é apenas uma lista de eventos. É uma peça de literatura cuidadosamente elaborada, destinada a transmitir provavelmente um ou dois pontos principais.

No caso da Bíblia, eles são teólogos. Então, a Bíblia é história, histórica. É literatura e é teologia.

Então, são todas essas três coisas em um livro. Como teologia, o que queremos dizer com isso é que é uma palavra sobre Deus. É uma auto-revelação de Deus a si mesmo, sobre si mesmo ao seu povo.

Às vezes nos perdemos nessa ideia e começamos a pensar que se trata das pessoas da Bíblia. É sobre heróis e vilões ou sobre os eventos que aconteceram. É sobre essas pessoas, mas na verdade é sobre os atos de Deus na história através da vida das pessoas.

Então, é histórico? Claro, representa eventos históricos, mas esse não é o ponto principal. Seu propósito não é nos ensinar história. Seu propósito seria nos mostrar como Deus trabalha ao longo da história, e faz isso em histórias cuidadosamente elaboradas.

Então, uma definição que gosto de manter na cabeça quando estou estudando narrativa bíblica e pensando em como ler a Bíblia é que os escritores bíblicos, ou seja, os autores humanos que a escreveram sob a supervisão de Deus, que os escritores bíblicos falar sobre eventos históricos moldados criativamente por meio de técnicas literárias, a fim de comunicar a auto-revelação de Deus. Então isso nos dá a peça histórica, a peça literária, mas o foco é que este é um livro projetado para nos ensinar sobre Deus. É a revelação de Deus para nós.

Então, queremos permitir que a Bíblia seja uma boa literatura. É uma boa literatura. É uma ótima literatura.

Queremos permitir que sejam histórias bem elaboradas e extrair dessas histórias tudo o que pudermos. Mas temos que lembrar que isso está nos ensinando sobre Deus. É revelação.

É a auto-revelação de Deus. Tudo bem, então vamos ler o capítulo um, Daniel capítulo um. Estou lendo a Versão Padrão em Inglês.

Normalmente, quando estudo, gosto de usar esta versão ou a New American Standard Version porque elas tendem a me ajudar a ver melhor o que é o hebraico original. Nem sempre são as traduções mais legíveis. Para isso eu escolheria a NIV, talvez.

Mas quando estou tentando descobrir quais eram as palavras originais e talvez como o autor as compilou, gosto de usar algo como ESV ou NASV. E acontece que eu tenho ESV. Tudo bem, Daniel um.

**1** No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou. **2** E o Senhor entregou nas suas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da casa de Deus. E ele os levou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e colocou os vasos no tesouro do seu deus. **3** Então o rei ordenou a Aspenaz, seu principal eunuco, que trouxesse alguns do povo de Israel, tanto da família real como da nobreza, **4** jovens sem defeito, de boa aparência

e dotados de toda a sabedoria, dotados de conhecimento, de entendimento e de aprendizagem, e competentes para comparecer no palácio do rei e ensinar-lhes a literatura e a língua dos caldeus. **5** O rei designou-lhes uma porção diária da comida que o rei comia e do vinho que ele bebia. Eles deveriam ser educados por três anos e, ao final desse período, deveriam comparecer perante o rei. **6** Entre estes estavam Daniel, Hananias, Misael e Azarias, da tribo de Judá. **7** E o chefe dos eunucos deu-lhes nomes: Daniel chamou Beltessazar, Hananias chamou Sadraque, Misael chamou Mesaque, e Azarias chamou Abednego.

**8** Mas Daniel decidiu que não se contaminaria com a comida do rei nem com o vinho que ele bebia. Portanto, ele pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar. **9** E Deus deu a Daniel favor e compaixão aos olhos do chefe dos eunucos, **10** e o chefe dos eunucos disse a Daniel: Temo o rei, meu senhor, que designou a tua comida e a tua bebida; pois por que ele deveria ver isso? você estava em piores condições do que os jovens da sua idade. Então você colocaria minha cabeça em risco com o rei. **11** Então Daniel disse ao mordomo que o chefe dos eunucos designara sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias: **12** “Experimente os seus servos por dez dias; deem-nos vegetais para comer e água para beber. **13** Então, que a nossa aparência e a aparência dos jovens que comem a comida do rei sejam observadas por você, e trate os seus servos de acordo com o que você vê. **14** Então ele os ouviu neste assunto e os testou durante dez dias. **15** Ao cabo de dez dias, viu-se que eram de melhor aparência e mais gordos de carne do que todos os jovens que comiam a comida do rei. **16** Então o mordomo tirou a comida e o vinho que deveriam beber e deu-lhes legumes.

**17** Quanto a estes quatro jovens, Deus deu-lhes conhecimento e habilidade em toda literatura e sabedoria, e Daniel teve entendimento em todas as visões e sonhos. **18** No final do tempo, quando o rei ordenou que fossem trazidos, o chefe dos eunucos os apresentou diante de Nabucodonosor. **19** E o rei falou com eles, e entre todos eles não se achou nenhum como Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Portanto eles ficaram diante do rei. **20** E em todos os assuntos de sabedoria e entendimento sobre os quais o rei lhes consultou, achou-os dez vezes melhores do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino. **21** E Daniel esteve lá até o primeiro ano do rei Ciro.

Tudo bem, então no capítulo um, Daniel e seus amigos são levados ao cativeiro. O capítulo começa com esse cenário histórico. Assim, no terceiro ano do reinado de Jeoiaquim, rei de Judá.

Então, se você se lembra de algumas palestras atrás, estávamos analisando o cenário do Livro de Daniel com base na linha do tempo da Bíblia e como ela se enquadra na história judaica. E quando chegarmos, faremos apenas uma versão condensada aqui. Quando chegamos aqui, isso foi em 609 aC, o rei Josias é o rei do reino do sul e está a

caminho para ajudar os assírios a lutar contra os babilônios, ou a lutar contra os babilônios.

E ele é morto pelo Faraó no caminho. Seu filho Jeoacaz reinou por três meses, até que Faraó o depôs e tornou Josias filho do segundo rei. Então, vamos acompanhar aqui.

Então, Josias morre , e seu filho Jeoacaz sobe ao trono por apenas três meses até que o Faraó Neco o depõe, e o segundo filho de Josias se torna rei. Então, não ele, vamos para o filho número dois, Jeoiaquim. Isso está certo? Sim, Jeoiaquim é o novo rei, e ele era um vassalo egípcio, ou o reino do sul, quando Nabucodonosor derrotou os egípcios.

Estou condensando muita história aqui. Deixe-me ir mais devagar. Jeoiaquim foi vassalo da Babilônia sob Nabucodonosor por três anos, e então se rebelou. Quando ele se rebelou contra a Babilônia, Nabucodonosor veio a Jerusalém, o que teria sido por volta de 598-597 AC, e isso está registrado em 2 Reis.

Então, em 598-597 AC, a ira de Nabucodonosor cai sobre Jeoiaquim por se rebelar, isso está em 2 Reis 24. Parece que Jeoiaquim morreu em algum lugar ao longo do caminho até aqui, e não sabemos exatamente o que aconteceu com ele, mas de repente, seu filho Joaquim é rei no texto. Então, ele morre, ele é o rei e é levado para o exílio na Babilônia.

Ele se rende três meses depois de se tornar rei. Então ele vai para a Babilônia. Então agora ainda precisamos de um rei aqui.

Então agora temos o filho número três, que será rei, e este é Zedequias, ele é o novo rei. Então, Josias estava em 609, ele morre, o filho número um se torna rei, ele é deposto, o filho número dois é feito rei, ele morre, seu filho se torna rei, ele é levado para o exílio, e o terceiro filho de Josias se torna rei. Jerusalém realmente cairá sob o domínio de Zedequias, então estamos chegando ao fim dos reis.

Em termos de geografia, o Mar Mediterrâneo, o Rio Nilo, então Egito, aqui está a terra entre, Mar da Galiléia, o Rio Jordão, o Mar Morto, é o Golfo Pérsico, é o Tigre e o Eufrates, então terminamos aqui na Babilônia. Lembre-se, temos esta luta pelo poder, por isso temos a Babilônia e o Egito, e sempre que eles têm um conflito, Israel está no meio. Você pode dizer, bem, por que eles não seguem esse caminho? Bem, isso tudo é deserto.

Então, todas as viagens acontecem assim, através de Israel. Portanto, a história de Israel depende, de muitas maneiras, destas lutas pelo poder entre os impérios. Eles estão à mercê do rei reinante ou do poder reinante da época.

Então, no primeiro versículo de Daniel 1, é onde estamos. Estamos nesta luta de poder entre os dois, e Jeoiaquim desaparece, mas está sitiado. Jerusalém é sitiada por Nabucodonosor.

Em termos de cronologia, é 605. Portanto, o terceiro ano de Jeoiaquim é 605 AC. Essa é uma dificuldade histórica para nós.

E então, aqui está o problema com o terceiro ano de Jeoiaquim. Nabucodonosor, que é o rei da Babilônia, deixe-me livrar-me de todos esses reis mortos. Ficaremos com Jeoiaquim e Nabucodonosor.

605 AC, este é o terceiro ano de Jeoiaquim. Nabucodonosor sobe ao trono na Babilônia quando seu pai, Nabopolassar, de quem você não precisa se lembrar, morre. Espere, deixe-me organizar minhas anotações aqui.

Assim, para que este cerco tivesse acontecido em 605 AC, o exército de Nabucodonosor teria que estar na Síria-Palestina. É difícil com a cronologia porque, de acordo com os registros babilônicos, não vemos Nabucodonosor aqui naquela época. E não menciona que ele sitiou ou conquistou Jerusalém.

Seu pai morre. Na verdade, ele é o general do exército. E seu pai ainda é rei.

Ele é o segundo em comando enquanto ataca aqui na Síria-Palestina. Seu pai morre enquanto ele está nesta campanha e ele corre para casa para a coroação. E há uma janela de tempo muito pequena em que este cerco histórico poderia ter acontecido.

É possível que o autor de Daniel esteja consolidando eventos, juntando um monte de história. Outra possibilidade é que possamos usar diferentes formas de registrar o tempo, os anos de Ascensão e os anos de reinado. Então, em Daniel 1:1, somos informados de que é o terceiro ano de Jeoiaquim.

Portanto, Daniel 1.1 se passa em 605 AC, que é o terceiro ano de Jeoiaquim. Parece que temos dificuldade com isso porque se você voltar a Jeremias 25, versículo 1, Jeremias 25 refere-se ao quarto ano de Jeoiaquim como sendo o primeiro ano de Nabucodonosor. Portanto, se o quarto ano de Jeoiaquim é o primeiro ano de Nabucodonosor, o que temos aqui é Nabucodonosor presumivelmente sitiando algo antes de se tornar rei.

E o livro de Daniel o chama de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Então, essa é uma inconsistência que temos um pouco de dificuldade para resolver. Uma das maneiras pelas quais os estudiosos tendem a resolver isso é dizer que existem diferentes maneiras de explicar os anos de Ascensão ou a ascensão de um rei ao trono.

Portanto, temos um sistema babilônico, que é o que pensamos ver em Daniel 1:1. E no sistema babilônico, a ascensão de um rei ao trono dura um ano. E então seu primeiro ano oficial é na verdade seu segundo ano no trono. E então temos seu segundo ano e seu terceiro ano.

Portanto, o seu ano de Ascensão conta como um ano separado, ano um, ano dois, ano três. Este é o sistema babilônico de cálculo dos anos de reinado. O sistema judaico, que pensamos ter refletido em Jeremias, faz isso de maneira um pouco diferente.

Assim, na maneira judaica de contar os anos, o ano da Ascensão é igual ao primeiro ano. Então, eles sobem ao trono, e esse também é o primeiro ano, o segundo ano e o terceiro ano. E então, quando você chega aqui, você está no quarto ano.

Assim, dois sistemas diferentes de contabilização dos anos no trono estão representados no Livro de Daniel ou no Livro de Jeremias. Então, quando dizemos que foi o terceiro ano de Jeoiaquim, esse é o sistema babilônico. Quando Jeremias fala sobre seu quarto ano, esse é o sistema judaico.

Então, estamos falando do mesmo ano no trono, apenas formas diferentes de comunicar isso. Então é normalmente assim que as pessoas explicam essa dificuldade de encontro. Assim, o terceiro ano de Jeoiaquim em 605 coincide com o ano da Ascensão de Nabucodonosor.

Mais uma vez, a dificuldade é a falta de evidências históricas de um cerco a Jerusalém em 605. Na verdade, não há nada nos registros babilônicos que coloque Nabucodonosor ali naquela época. É uma cronologia bastante apertada para ele estar.

Sabemos que ele esteve na Síria-Palestina no início de 605, mas não há menção no registro de Jerusalém ou de Jeoiaquim. Seu pai morre naquele ano e ele corre para casa para sua própria coroação. Entre o momento da campanha na Síria-Palestina em 605 e a sua coroação em 605, o intervalo de tempo é bastante apertado.

Contudo, você poderia dizer que Daniel 1.1 na verdade não exige que Nabucodonosor esteja presente. Ele pode ser rei, e se suas tropas invadiram, não seria necessário dizer que as tropas de Nabucodonosor invadiram; é Nabucodonosor quem invadiu. Também não requer um cerco militar formal.

A palavra usada ali em hebraico pode significar apenas hostilidade demonstrada. Este é um argumento defendido por um estudioso da década de 80 e também por Tremper Longman, que o achou convincente. Portanto, neste caso, Nabucodonosor poderia ter persuadido o que teria sido Joaquim naquele momento a se render sem realmente atacá-lo.

Assim, os actos de hostilidade, quaisquer que tenham sido exactamente, poderiam ter sido suficientes para o persuadir a ceder sem violência ao seu povo. Portanto, Daniel 1:1 poderia estar se referindo a uma mudança de lealdade. Então Joaquim decide que será leal a Nabucodonosor em vez de olhar ansiosamente para a vassalagem egípcia.

Outra coisa é que o terceiro ano não é, talvez essa referência ao terceiro ano de Joaquim não seja uma referência ao terceiro ano do seu reinado ou mesmo ao terceiro ano da sua vassalagem, mas poderia ser uma referência ao terceiro ano depois que ele se rebelou contra Nabucodonosor em 601 para afirmar a independência da Judéia. Se for esse o caso, então este cerco descrito em Daniel 1 é o mesmo descrito em 2 Reis que aconteceu em 597. Então, existem diferentes maneiras de lidar com isso, que é o que chamamos de dificuldade histórica.

No final das contas, isso não afeta o objetivo do capítulo, mas é uma daquelas coisas que você precisa pensar e descobrir diferentes possibilidades para o que o texto pode significar. Uma coisa que é realmente atraente na discussão é que o terceiro ano de Joaquim representa o terceiro ano depois que ele se rebelou. Então, ele se rebelou em 601, três anos depois, 597, 598, quando Nabucodonosor veio e realmente levou as pessoas cativas novamente, isso seria 598, e seria o mesmo cerco para o qual há muito material histórico.

É interessante que no livro de Daniel há muitas referências ao primeiro e terceiro anos. Então, aqui estamos no terceiro ano de Joaquim. Quando chegamos a Daniel 7 e Daniel 8, temos o primeiro ano de Belsazar e o terceiro ano de Belsazar.

Temos o primeiro ano de Ciro, o primeiro ano de Dario Mede e o terceiro ano de Ciro. Portanto, Goldingay na verdade argumentou que poderia ser a maneira do texto se referir ao início do reinado do rei, ou ao início do reinado do rei, e não muito longe do reinado do rei. Então, em vez de ser uma data exata, poderia ser uma forma literária de apenas dizer, eh, perto do início, eh, depois de ele ter sido rei por um tempo.

Isso é possível. Então, vemos esse padrão em Daniel de primeiro e terceiro, terceiro, primeiro. Então isso é possível. Isso é o que está acontecendo aqui.

A outra possibilidade é que Daniel 1:1 esteja condensando esta deportação de cativos, aquela em 587, e depois a última em, ou desculpe, 597, e depois 587. Então, você poderia ter três deportações diferentes que o autor de Daniel Posso estar colocando tudo de uma só vez. Ele não está preocupado com quando e como tudo aconteceu.

Ele só está preocupado com a queda de Jerusalém. E o povo foi para o cativeiro. Independentemente de qual seja o ano exato e do que possa significar o terceiro ano de Jeoiaquim, Daniel 1.1 estabelece o ponto inicial para os eventos do livro.

Especificamente para as histórias narrativas dos capítulos um a seis. Daniel 1.21, que é a referência ao Daniel servido, Daniel esteve lá na corte até o primeiro ano de Ciro. Isso nos dá o ponto final.

E realmente, essa é a duração do exílio forçado. Então, o que quero dizer com isso é que a Babilônia começou a levar as pessoas cativas, digamos, em 605, e eles permitiram que partissem quando Ciro se tornou rei em 539, quando os persas assumiram o controle. Essa é a duração do exílio forçado, quando as pessoas não são mais livres em suas terras e então são autorizadas a voltar para suas terras em 539.

Então é possivelmente isso que está acontecendo com as datas em Daniel 1. Então, no terceiro ano de Jeoiaquim, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio e a sitiou. O Senhor deu a Jeoiaquim alguns dos utensílios da casa de Deus. Esses vasos da casa de Deus reaparecerão no capítulo cinco, quando Belsazar entrar em cena.

Isso vai colocá-lo em muitos problemas. E honestamente, penso que para muitos de nós, estes navios não significam nada. Se nossas igrejas têm instrumentos que usam para a comunhão ou algo assim, eles não são algo que consideramos um vaso sagrado.

É algo que usamos. A gente lava, guarda, tira no mês seguinte, usa, lava, guarda. Não é algo que abordamos como se fosse um objeto sagrado e sagrado.

Mas para os judeus no seu templo, esses objetos eram muito sagrados. Tanto é verdade que são tão importantes que os livros históricos narram para onde vão essas embarcações. Quando você lê 2 Crônicas 36 e Jeremias 52, eles estão falando sobre pessoas indo para o exílio.

Também fala sobre quantos navios foram. Então, o povo foi, sim, mas olha todas essas embarcações que foram. Do outro lado do exílio, os livros pós-exílicos falam sobre o retorno desses navios.

Assim, por razões que muitas vezes não compreendemos o significado, estes navios são importantes para o povo judeu. De muitas maneiras, eles representam a esperança de restauração. Então, Jeremias prometeu, ou disse ao povo, vocês vão para o exílio? Vai durar muito mais tempo do que esses falsos profetas estão dizendo.

Os navios vão partir e vão ficar lá. Mas Deus devolverá os vasos. E assim, para essas pessoas, era a única coisa tangível que restava da sua relação de aliança com Deus.

O templo foi destruído, a cidade santa foi destruída, mas esses vasos permanecem. E então, eles são muito importantes para essas pessoas. Mas Deus permitiu que alguns destes navios fossem transportados para Babilônia.

Bem, na verdade essa é uma afirmação muito significativa. Então o Senhor entregou alguns dos utensílios nas mãos de Nabucodonosor, e ele os levou para a casa do seu Deus. No mundo antigo, quando os reis iam à guerra uns contra os outros, não era apenas uma luta militar.

É uma luta religiosa. Um rei representa o seu Deus, e ele vai lutar em nome do seu Deus para expandir o território do seu Deus, para expandir o poder do seu Deus. Este é um conflito religioso.

Assim, quando Nabucodonosor derrota o Deus de Israel, ou quando Nabucodonosor derrota Jeoiaquim, parece a todos que estão assistindo que o Deus da Babilônia derrotou o Deus de Israel. Isso é um grande negócio. Não é só isso, perdemos a batalha.

Nosso Deus não é tão forte quanto o outro. Por que Deus permitiu que isso acontecesse? Como nosso Deus poderia ser derrotado? Isso é uma coisa religiosa. E assim, estes vasos estão sendo transferidos para a casa do Deus de Nabucodonosor.

Observe onde Nabucodonosor os coloca. Ele não os leva para sua própria casa. Eles não são dele.

Como representante do Deus vitorioso, ele está trazendo os vasos do Deus derrotado e colocando-os exatamente onde pertencem, em um lugar santo pertencente ao seu Deus. Então, esta transferência de navios significa o que está em jogo aqui em termos de religião. Este é o Deus da Babilônia.

Este é Marduk derrotando o Deus de Israel. Ou parece ser isso. Se você ler o texto com atenção ou ouvir o texto com atenção, não é isso que ele diz.

Não diz que Nabucodonosor derrotou Jeoiaquim. Diz que Nabucodonosor veio a Jerusalém e a sitiou e o Senhor entregou em suas mãos Jeoiaquim, rei de Judá, junto com alguns dos utensílios da casa de Deus. Então, por que Nabucodonosor venceu? Porque Deus entregou seu rei.

Deus entregou seus vasos. Deus os deu a ele. Portanto, as coisas podem parecer ruins no terreno e as aparências podem dizer que o Deus de Israel perdeu.

Mas não é isso que o narrador diz. O narrador diz que o Deus de Israel está no controle disso. Ele os entregou.

Ele é quem tem o controle. Então essa é uma afirmação muito importante. Isto não é apenas um rei contra um rei.

Este é um Deus, G maiúsculo, versus um Deus, g minúsculo. Parece que o g minúsculo que Deus venceu. Mas o autor de Daniel não deixa essa ideia permanecer. Nabucodonosor não venceu.

Marduk não venceu. Nos versículos três a sete, encontramos os personagens principais, além de Nabucodonosor. Temos Ashpenez, que é o chefe dos funcionários do tribunal.

Então, ele tem algum grau de autoridade real. Não temos certeza do que ele teria feito, mas ele obedece às ordens do rei aqui para trazer parte da nobreza de Israel de volta à Babilônia. E parte do propósito de trazer estes jovens para Babilônia é educá-los.

Agora, por que eles iriam querer educá-los? Não se trata apenas de ir à escola e aprender muitas coisas para conseguir um bom emprego. Isso é ir para a escola na Babilônia para que possamos inculturar você de acordo com os nossos valores, de acordo com a nossa língua e literatura. Por que eles teriam feito isso? Bem, eles estão levando essas pessoas em cativeiro.

Uma coisa que poderia ter feito era treinar essas pessoas para serem funcionários públicos de destaque; será menos provável que se rebelem e queiram voltar para casa. Eles têm bons empregos na Babilônia, certo? E os seus países de origem são provavelmente menos propensos a rebelar-se porque querem que os seus familiares sejam protegidos na Babilônia. Talvez sejam uma espécie de reféns diplomáticos.

E esses jovens provavelmente são adolescentes. Não sabemos exatamente a idade deles, mas eles são mais ensináveis. Eles podem prestar um serviço mais longo.

E Nabucodonosor tira a nata da colheita. Ele quer educá-los. Ele quer que eles estejam a seu serviço.

Então, ele lhes ensina a língua e a literatura da nação anfitriã. E a língua babilônica era provavelmente o acadiano, que é uma língua realmente difícil de aprender. Não tive que aprender, felizmente.

Estou feliz. Mas é uma linguagem muito difícil. E a razão pela qual eles tiveram que aprender acadiano é que grande parte de sua coleção cultural de histórias e histórias está toda escrita em acadiano.

Talvez seja análogo a se você quiser estudar história clássica, você realmente precisa aprender latim. Você tem que ler em latim, os originais. Então, esses jovens aprenderam acadiano.

Eles tiveram que dominá-lo. Mas ao dominar a língua, eles também dominam a literatura. Eles estão dominando os mitos, as crenças, a visão de mundo da Babilônia.

Nabucodonosor deseja fazer desses jovens os melhores servos possíveis. Ele quer que eles realmente sofram uma lavagem cerebral para serem bons babilônios. Ele os tirou de suas terras natais.

Ele quer que eles sejam bons babilônios. Outra parte disso é a dieta que lhes é atribuída. Portanto, eles receberão uma porção diária de comida e vinho da mesa do rei.

E então eles serão educados por três anos. Então é isso que é o programa educacional. No final desse tempo, eles deveriam comparecer diante do rei, ou deveriam servir a serviço do rei, e permanecer a serviço do rei.

O versículo 6 diz, entre estes, então, nos diz que havia mais do que apenas esses quatro jovens que foram levados para a Babilônia. Entre toda essa nobreza, essa família real que foi trazida para a Babilônia, esses quatro, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, da tribo de Judá. Então, temos esses quatro jovens que acompanharemos no Capítulo 1, e o resto das histórias do tribunal são principalmente sobre Daniel, mas os três amigos aparecerão novamente algumas vezes.

Então, há mais do que apenas esses quatro. Observe que estes são da tribo de Judá. Estes são israelitas.

Estes são membros do povo da aliança de Deus. Então, o autor meio que coloca isso aí para não esquecermos. E seus nomes, o texto não explica isso para você. Se você conhece hebraico ou já passou algum tempo estudando o Antigo Testamento, sabe que esses nomes são significativos e têm significado.

Eles não escolhem um nome apenas porque gostaram. Eles escolhem um nome, e é uma frase, normalmente em louvor ao seu Deus. Então, Yahweh foi gracioso.

Quem ou o que é como Deus? Yahweh ajudou. É isso que seus nomes significam. Eles recebem novos nomes.

E por que eles receberiam novos nomes? Bem, você não pode ter esses funcionários públicos com nomes hebraicos honrando seus deuses. Então, você quer dar-lhes nomes que provavelmente honrem os deuses babilônicos, embora não tenhamos

certeza do que os novos nomes significam. Mas seriam um símbolo do facto de que agora estão sujeitos a este rei diferente.

Eles estão sujeitos ao rei da Babilônia, a um novo rei, a uma nova nação e a novos deuses. Isso era realmente uma coisa comum na corte que teria acontecido quando eles foram levados cativos. Isso simboliza que eles se tornaram bons babilônios.

É um sinal de que eles têm uma nova propriedade. Eles pertencem à Babilônia. Assim, no final do versículo 7, temos alguns dos vasos do templo de Yahweh e também alguns dos seus vasos humanos que se dirigem para a corte real.

Daniel 1 versículo 8 nos leva ao enredo real. Todos os versículos 1 a 7 foram estabelecidos. Então agora estamos na trama.

Daniel toma uma decisão e resolve não se contaminar com a comida do rei nem com o vinho que ele bebeu. Bem, sabemos o que Daniel fez. Ele não queria se contaminar com a comida do rei.

Ele queria não comê-lo. E sabemos porque o fez, porque tinha profundas convicções pessoais. Mas não temos certeza de por que a comida estaria contaminada.

Então, sabemos que ele tomou esta decisão porque considerava que a comida era contaminante, a comida e o vinho. O que não sabemos é por que a comida estava contaminada. Temos todos os tipos de ideias no Antigo Testamento sobre coisas que contaminavam.

Há ensino em Levítico e Ezequiel. Tem a ver com coisas que não são ritualmente limpas e não são aceitáveis para uso no templo. E viver num país estrangeiro, pelo menos segundo Oséias, era por si só uma contaminação.

Então, tudo o que eles fizeram seria profano. Mas Daniel está especificamente fazendo uma escolha em relação à comida. Eles não resistiram aos novos nomes.

Eles não resistiram à educação. Mas a comida em que eles se posicionam. Existem muitas ideias diferentes sobre o que teria causado essa contaminação alimentar.

No final das contas, não temos certeza, mas deixe-me contar algumas sugestões. É possível que Daniel tenha recusado a comida porque ela vinha do palácio e a comida do palácio teria vindo pelo templo. E se tivesse vindo do templo, teria sido oferecido a um ídolo.

Mas o problema aqui é que isso também aconteceria com os vegetais. Toda a comida do palácio teria vindo do templo e, portanto, estaria contaminada. Então, a menos que eles não comam nada, isso não parece resolver o problema.

Outra possibilidade é que o palácio, o palácio babilônico, é claro, não teria observado as leis alimentares da Torá. Coisas que teriam feito, ou quais animais eles poderiam comer, quais eles não poderiam comer, como você mataria um animal, há certas maneiras de fazer isso de acordo com a Torá. Obviamente, o palácio babilônico não estaria preocupado com essas coisas, então isso seria uma profanação.

Mas o problema é que Daniel considerou a carne e o vinho impuros. Então, por que o vinho estaria contaminando? Não há nada na Torá sobre por que o vinho seria contaminante. Os animais não parecem ser o foco do problema.

Então talvez ele tenha recusado porque a carne e o vinho do palácio do rei eram comidas festivas. E assim, se Daniel se abstivesse delas, estaria demonstrando o luto em que estaria, associado ao fato de estar no exílio. Não é apropriado que alguém em cativeiro comemore ou coma comidas festivas.

E também é o tipo de comida própria para a nobreza, e Daniel está pedindo comida camponesa, na verdade, os vegetais. Isso pode ser verdade, mas não diz por que está contaminando. Apenas diz que ele talvez não quisesse comê-lo porque era comida de festival, mas isso não é impuro.

Existem algumas outras opções aqui. No final das contas, gosto da solução de Tremper Longman. Tremper pensa que ao recusar a comida, ou ao ter controle sobre qual alimento comiam, os jovens hebreus estavam tomando uma decisão sobre quem os sustentava.

Então, se eles são sustentados pelos alimentos ricos, pelos alimentos saudáveis da mesa do rei e pelos melhores alimentos da mesa do rei, três vezes ao dia, eles têm esse lembrete de que dependem do rei. É ele quem os alimenta. Ao recusarem isso e optarem por vegetais, que naquela época não seriam considerados a melhor dieta, eles estão sendo lembrados sempre que toca a campainha do jantar que Deus é quem os sustenta.

Eles não estão comendo os alimentos ricos do rei. Eles estão apenas comendo vegetais. Agora, novamente, isso não explica a natureza contaminante disso.

Qualquer que tenha sido a motivação para recusar a comida, a questão maior é teológica. OK? Está preocupado com a nutrição divina versus a nutrição humana. De que dependem esses jovens ou de quem dependem para seu sustento? Quem vai sustentá-los? Eu só quero fazer uma pequena advertência aqui.

Este não é um plano de dieta. Esta não é a Bíblia nos dizendo como devemos comer. E os vegetais são mais saudáveis.

Eu concordo com isso. Acho que eles provavelmente fizeram uma boa escolha em alguns aspectos. Mas isto não é a Bíblia nos dizendo que precisamos seguir a dieta de Daniel.

A narrativa bíblica descreve coisas. Ele descreve histórias para nós. Isso descreve algo que Daniel fez por nós.

Não está prescrevendo o que devemos fazer. Então, se você quiser comer mais vegetais, seu médico ficará feliz. Você ficará feliz.

Às vezes, mais vegetais são melhores para você. Mas não porque o livro de Daniel manda. Vamos deixar isso de lado agora.

Tudo bem. Então, a questão talvez não seja por que eles recusaram. Sabemos que eles recusaram porque era contaminante.

Não sabemos exatamente por que isso estava contaminando. A questão é: quem? De quem eles dependem para seu sustento? Tudo bem.

Versículo 9. Então aqui vemos Daniel interagindo com os oficiais do rei. E então, ele pede permissão ao chefe dos eunucos para não fazer isso, não comer isso. E então diz, e Deus deu a Daniel favor e compaixão aos olhos do chefe dos eunucos.

Então, a próxima coisa que espero ler é que sim, ele disse a Daniel, ok, vou honrar seu pedido. Certo? Daniel faz um pedido. O texto diz que Deus lhe concedeu favor junto ao oficial.

O funcionário deveria dizer tudo bem. Não é isso que acontece. Deus concedeu favor a Daniel, e o chefe dos eunucos disse: Tenho medo do rei.

Eu não posso fazer isso. Portanto, embora Deus tenha concedido favor a Daniel com esse eunuco, ele não atendeu ao pedido de Daniel. É meio interessante.

É também a segunda vez no capítulo que Deus dá algo. Primeiro, ele entregou seu rei nas mãos de Nabucodonosor. Agora, ele está dando favor e compaixão a Daniel aos olhos do funcionário responsável por eles.

Deus está no controle das coisas grandes e das pequenas. O primeiro que Deus deu foi a história mundial, certo? Este é o domínio de Nabucodonosor, a queda de Jerusalém. Deus entregou isso nas mãos de Nabucodonosor.

Desta vez, Deus concedeu a Daniel o favor de seus oficiais. É possível que o cortesão soubesse que o que Daniel estava pedindo poderia ter sido interpretado como

traição. E então aquele favor que ele tinha para Daniel significou que ele simplesmente desistiu.

Ele não pôde honrar seu pedido, mas também não o puniu. Então, Daniel, o que Daniel faz? Bem, ele age com sabedoria. Sabedoria é encontrar a maneira certa de fazer a coisa certa.

E então, Daniel sabe a coisa certa. Ele não pode comer essa comida. Ele tem que encontrar uma maneira de fazer isso.

Então, ele se aproxima de outro oficial, aquele que está diretamente acima deles, e diz: teste seus servos por 10 dias. Dêem-nos vegetais para comer e água para beber. Então agora ele está apenas jogando fora 10 dias.

Dê-me 10 dias. Este é um funcionário diferente, provavelmente um funcionário mais subalterno. Provavelmente é um tempo longo o suficiente para que haja alguma diferença se os vegetais não funcionarem, mas não tanto a ponto de despertar suspeitas em outras pessoas.

E o que esse funcionário faz? Ele os ouviu e os testou por 10 dias. Não diz que Deus lhe deu um favor. Apenas diz que o cara o ouviu.

Não nos diz porquê. Já ouvi comentaristas, e sou um deles, me pergunto se talvez, ao trocar aquelas quatro porções de carne rica e vinho da mesa do rei por vegetais, aquele oficial pudesse levar essas refeições para casa. Talvez.

Então, ele recebeu um pequeno pagamento com isso. Talvez. Não está no texto.

É só imaginar. Mas Daniel navega pela situação. Ele está decidido a não comer a comida do rei.

Ele primeiro foi rejeitado. Ele tenta outra abordagem com outra pessoa. Ele consegue fazer o que é certo e o faz de maneira sábia e diplomática, e Daniel é respeitado.

Ele não é beligerante. Ele não é desagradável. Ele é sábio.

Então, é claro, o resultado disso é que Daniel e seus amigos, no final deste teste de 10 dias, saíram 10 vezes melhores, o que provavelmente é uma boa hipérbole, porque como você realmente mediria isso? Eles são muito melhores do que qualquer outra pessoa e todos os outros jovens. Então isso nos leva ao versículo 17, e aqui temos uma terceira ocorrência dada por Deus. Assim, quanto a estes quatro jovens, Deus lhes deu conhecimento e habilidade em toda literatura e sabedoria.

Deus está envolvido em sua vida no exílio. Ele estava envolvido no grande evento que os levou até lá. Ele estava envolvido enquanto Daniel tentava navegar para fazer a coisa certa, e agora ele está envolvido em dar-lhes habilidades e habilidades realmente especiais para se destacarem neste ambiente estrangeiro.

Disseram-nos que Daniel tinha entendimento, visões e sonhos, e isso realmente nos preparará para os próximos capítulos. O que acontece no capítulo 2? King tem uma visão. Ele não sabe o que isso significa.

Daniel entende, e quando chegamos ao 7, o que é bastante interessante, Daniel tem um monte de visões que ele não entende, mas ainda não chegamos ao 7. Então, eles estão diante do rei. Eles entram ao serviço do rei e são servos leais, e o rei os considera melhores do que todos os outros, melhores do que todos os seus outros servos.

Então, temos essa estrutura para os capítulos narrativos. No terceiro ano de Jeoaquim, ele está lá, e Daniel está lá até o primeiro ano de Ciro, servindo na corte do rei. Este primeiro capítulo é uma introdução ao livro inteiro.

Conhecemos os personagens. Obtemos o contexto de todos os eventos. Podemos realmente escolher alguns dos temas principais e temos uma série de perguntas.

Portanto, este capítulo e este livro responderão a um monte de questões importantes para pessoas exiladas e da diáspora. Como é que, para estas pessoas que perderam a sua pátria, perderam o seu templo, perderam o seu rei, parece que o seu deus perdeu, podem estar a perguntar-se, como é que acreditamos num deus que deixa Jerusalém cair? O que estamos fazendo no exílio? Como nosso deus perdeu? Bem, Daniel 1 diz que seu deus não perdeu. Seu deus te entregou.

Não diz por quê. É preciso esperar até o capítulo 9 para isso, mas o que acontecerá com nossos jovens que estão sendo inculturados neste modo de vida estrangeiro? Bem, Deus lhes dá sucesso. Agora, isso não é uma promessa que vai acontecer, mas serviu como um incentivo de que, tudo bem, eles foram retirados de sua terra natal, mas Deus está cuidando deles.

Deus está lhes dando favor. Eles podem evitar a contaminação e satisfazer seus senhores? Aparentemente, eles podem. Como Deus está trabalhando? Como Deus vai vencer? Por que Deus às vezes se deixa parecer mal? Como podemos viver no exílio? Há todos os tipos de grandes ideias lançadas sobre nós neste capítulo de abertura e questões com as quais o restante do livro irá interagir.

Alguns deles, ele responderá. Alguns deles simplesmente deixarão a questão aí para continuarmos pensando, mas os temas principais são a soberania de Deus. Deus deu.

Deus deu. Deus deu. Esta é a mão providencial de Deus operando na história, na grande história, e na vida das pessoas, apenas na vida das pequenas pessoas.

Acho isso muito encorajador. Deus está trabalhando nas manchetes e Deus está trabalhando em minha pequena vida. Deus é a força motriz em todos os eventos, e temos esse tema de Deus com G menor versus Deus com G grande.

Estes são os deuses da Babilônia, os deuses da nação mais poderosa do mundo contra o Deus de Israel, que parece ter perdido, mas temos um K King minúsculo contra um K King maiúsculo. Temos servos fiéis prosperando no exílio. De muitas maneiras, o livro de Daniel brinca com a ideia de fé e cultura.

Como viver fielmente a Deus numa cultura que é anti-Deus? Responde à pergunta deste primeiro capítulo, pelo menos, dizendo que Deus está aí. Deus está ativo. Deus está envolvido.

A providência de Deus está em ação, mesmo no exílio. Entre quem é realmente esse conflito? É entre Daniel e seus senhores? É entre Jeoiaquim e Nabucodonosor? Não. Isso é entre Deus e deuses com G minúsculo.

O livro de Daniel capítulo um nos diz quem já conquistou isso, a soberania de Deus. Deus entregou todas essas coisas nas mãos de Nabucodonosor. Voltaremos ao capítulo dois em nossa próxima palestra.

Esta é a Dra. Wendy Widder em seu ensinamento sobre o livro de Daniel. Esta é a sessão 4, Daniel 1.